

Representações Sociais e Imaginário Coletivo na Contabilidade

Me, Guadalupe Machado Dias

professora no Departamento de Ciências Contábeis da FUMEC

Dr, Gilberto de Andrade Martins

professor no Departamento de Ciências Contábeis da FEA/USP

RESUMO

Trata este artigo de uma síntese da abordagem dada à pesquisa implementada por esta autora, quando da conclusão de seu mestrado na Universidade de São Paulo – USP, no que diz respeito à percepção que a sociedade, de um modo geral, tem do contador e da Contabilidade. Para a caracterização e o estudo dessa percepção, fundamentou-se a autora na psicologia analítica de Jung (1969; 2001) e autores como Moscovici (1978; 1989), bem como em nomes expoentes da Contabilidade, o que tornou possível a conversão do foco de estudo, para o que se denominou Representações Sociais. Para Moscovici (1981, p.181), “por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais”. Para pesquisar e identificar essas representações, o método escolhido foi o fenomenológico, em que se busca externar uma descrição direta da experiência tal como ela é, ou seja, a realidade construída socialmente e entendida tal como foi compreendida e interpretada a mensagem. Pela pesquisa foi identificado o quanto se distancia da realidade a percepção do contador e da Contabilidade pelo usuário, chegando mesmo a revelar grande poder imaginativo, seja de forma consciente ou não. Perpassa, também, essa relação, o aspecto do dilema, centrado na trinca contador,

Guadalupe Machado Dias e Gilberto de Andrade Martins

Contabilidade e usuário, consubstanciado na tênue posição de cada um de seus vértices. Nessa relação, ocorre um diálogo hora exaltando, hora rechaçando tanto o contador como a Contabilidade.

Palavras-chave: Contabilidade; Contador; Pesquisa; Imaginário (Psicologia); Representação Social.

ABSTRACT

This article is a synthesis of the approach adopted in the research carried out by the author upon completion of her Master's Degree at Universidade de São Paulo – USP, regarding the perception that society as a whole has about the accountant and Accounting. For characterizing and studying such a perception, the author relied upon Jung's analytical psychology (1969;2001) and writers such as Moscovici (1978;1989), as well as on the study of outstanding names in Accounting, thus making it possible to convert the study focus to what was called Social Representations. According to Moscovici (1981, p.181), "social representations can be understood as a set of concepts, propositions and explanations originated in everyday life in the course of interpersonal communications." In order to research on and identify such representations, the phenomenological method was chosen, by which one tries to show a direct description of the experience as it is, that is, the reality that is socially built and understood based upon how the communicated message was understood and interpreted. Through the research it was found how much biased is the perception regarding the relationship between the accountant, Accounting and the user within the field of study proposed by the Accounting Science, which can even turn to be constituted of great imaginative power, whether consciously or not. Also, such a relationship is characterized by a dilemma which is continuously exercised by the trio accountant, Accounting and the user, and shows itself in the tenuous position taken by each one of its vertices. In this relationship, a dialogue takes place sometimes praising and sometimes repulsing both the accountant and Accounting.

Key words: Accounting; Accountant; Research; Imaginary (Psychology); Social Representations.

INTRODUÇÃO

Representações Sociais e Imaginário Coletivo na Contabilidade é um estudo sobre a percepção que, em geral, as pessoas têm sobre o contador e a Contabilidade, percepção essa que parece sugerir uma construção a partir de bases mais inconscientes que conscientes.

A Contabilidade, como ciência, remete à informação, desde seus primórdios até a atualidade, com a ciência da informação.

Por meio da Contabilidade se estuda e é divulgado o comportamento das riquezas traduzidas em patrimônio, independentemente de seus detentores e/ou gestores, desde seu nascedouro, quando seu usuário era somente um: o proprietário do patrimônio, objeto de avaliação e mensuração.

Dessa forma, trata-se de uma Ciência Social, uma vez que o comportamento “registrado” é de natureza intrinsecamente social (embora se valha de conhecimentos matemáticos, estatísticos, de lógica e de tantos outros para sua avaliação e mensuração) e seus resultados são revertidos à sociedade.

Martins (1989, p.1) interroga:

sobreviveu a Contabilidade ao longo dos anos pela sua capacidade de satisfazer as necessidades de seus usuários, ou por responder a dúvidas de foro íntimo, por confortar a psique individual e coletiva, estruturar e ordenar o relacionamento social, dogmatizar o comportamento humano?

Guardadas as devidas proporções, pode-se acreditar que a Contabilidade sobreviveu ao desafio de oferecer um conjunto de respostas a seu interlocutor – a sociedade – e, por isso, evoluiu e chegou ao status de Ciência.

Ciência, etimologicamente, significa conhecimento. No entanto, essa definição se mostra insuficiente, já que se utilizam outros conhecimentos, além do científico, como é o caso do conhecimento vulgar (ou de senso comum), que é aquele utilizado pelas pessoas no dia-a-dia e que não raro é produzido e apresentado sob o crivo das emoções.

O conhecimento, ou o que a sociedade imagina conhecer ou “saber” sobre o contador e a Contabilidade, se posiciona a partir do paradoxo inerente ao fenômeno ocorrido nessa relação: as emoções expressas nas visões do senso comum, ou do imaginário coletivo, parecem sugerir um descasamento entre sua relevância e aceitabilidade (que existe desde os primórdios dessa disciplina), e a imagem veiculada de seu profissional e da própria Contabilidade.

ALGUMAS IMAGENS

Como divulgado em publicação, cuja “chamada” veicula “400 carreiras para o mercado do futuro”, assim é definido o contador: “além de controlar todo o dinheiro que entra e sai da empresa, ele pode ajudar em questões gerenciais”. (SACCHETTA, 1999, p.87).

A Contabilidade, como o contador, contribui na elucidação de questões gerenciais. Ao ser incluída numa orientação de condução a uma carreira promissora, sendo considerada capaz de se fazer inserida no mercado do futuro, fica a dúvida: será o futuro qualquer coisa de tamanha simplicidade? Sachetta faz elucubrações: [o contador] “costuma ser tranqüilo, fica agitado quando o fim do mês está próximo, pois ele tem de fechar o balancete da empresa, ou, antes do término do ano, quando tem de concluir o balanço anual”.

Para enfatizar o papel dos contadores gerenciais na administração de mudanças e na contribuição para o bem-estar, a longo prazo, de uma entidade, Almeida (1995, p.7) comenta o estudo do Comitê de Contabilidade Financeira e Gerencial (FMAC), da Federação Internacional de Contadores (IFAC), ao revisar o Estudo 3, “Uma introdução ao gerenciamento financeiro estratégico”:

o estudo destaca que há mais coisas envolvidas na profissão contábil do que apenas contabilidade. Enquanto esta última preocupa-se com a verdade objetivamente verificável sobre um determinado passado, a administração financeira está preocupada com os julgamentos subjetivos relativos a um futuro incerto.

Quanto ao papel dos contadores, por conseguinte, o papel da Contabilidade, como objeto de estudo por órgãos representativos de classe como os acima mencionados (em que se afirma que o destaque cabe a “mais coisas” além de “apenas contabilidade”), pode-se questionar: o que vem a ser a Contabilidade para tão diminuta representação? Em uma proposta de contribuição no discernimento entre as várias alternativas no mercado para um futuro promissor, estaria a Contabilidade, sob o perfil apresentado, sendo atrativa?

A acentuada propagação de imagens ou de imaginários como esses deu origem a um significativo número de artigos e pesquisas, objetivando a divulgação e a sensibilização sobre o que pensam os usuários da Contabilidade a respeito dela e de seu profissional.

Assim sendo, nota-se uma preocupação e um interesse não só pela própria classe representativa (embora, em situação como a citada acima, o autor tenha elaborado um conceito reducionista da Contabilidade), como também pela sociedade, a quem primordialmente essa ciência serve, ou deveria servir.

O IMAGINÁRIO COLETIVO SOBRE O CONTADOR E A CONTABILIDADE

Há um imaginário coletivo a circundar o exercício da Contabilidade, embora não necessariamente no meio contábil. Pessoas comuns ou detentoras de alguma especialidade, não importando a geração, se manifestam de forma similar. Suas opiniões sobre o contador e a Contabilidade são expressas de maneira que nem sempre confere com o papel do contador ou da própria atividade. A semelhança das opiniões parece sugerir que existe um imaginário coletivo sobre o contador e a Contabilidade que norteia as percepções desses indivíduos, opiniões que a princípio se fundamentam em bases mais inconscientes que conscientes.

A palavra inconsciente é conceituada por Jung (2001, p.23) como sendo certos acontecimentos que não são tomados pela consciência, permanecendo, por assim dizer, abaixo do seu limiar, eventos que aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente, e que “só podemos percebê-los nalgum momento de intuição ou por processo de intensa reflexão que nos leve à

subseqüente realização de que devem ter acontecido”.

Jung (1998, p. 5) afirma que a consciência é “sobretudo produto da percepção e orientação no mundo externo, que provavelmente se localiza no cérebro e sua origem seria ectodérmica”.

No cotidiano, deparamo-nos com situações em que tais percepções alimentam um círculo que, de agente inclinado no “apagar-se fora do conhecimento” (EY, 1969, p. 13), passa a agente inclinador, reação fundamentada por imagens do quadro descrito, mas que somente se fixaram por terem encontrado respaldo no nosso mundo interior, ou seja, no inconsciente.

Já em sociedade, para Goffman (2001, p. 25), “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”. A esse desempenho ou ato atribui-se o conceito de dramatização. Em alguns contextos esses atos não têm representado problemas ou apresentado dificuldades em sua dramatização. A exemplo dos papéis de esportistas, cirurgiões, artistas e policiais, entre tantos outros, suas qualidades e atributos são transmitidos vividamente e permitem uma auto-expressão tão dramática que os profissionais exemplares – reais ou falsos – se tornam famosos e ocupam lugar de destaque nas fantasias que são comercialmente organizadas e exploradas pelas nações.

Bergamini (1979, p. 60-62), ao dissertar sobre “Moreno e o esquema de papéis”, considera que o núcleo da personalidade é formado pelo “eu” que, por sua vez, é formado por estruturas básicas inatas e experiências vividas incorporadas ao psiquismo individual.

O eu “representa o fulcro da personalidade e a ele cabe lançar no mundo comportamentos típicos a cada pessoa, que são os papéis” (BERGAMINI, 1979, p. 60), cujo cerne se encontra na dramatização.

Para Goffman (2001, p. 38), “o problema de dramatizar o próprio trabalho implica mais do que simplesmente tornar visíveis os custos invisíveis”, o que vem ao encontro dos propósitos da Contabilidade e, em toda sua extensão, alinha-se a eles: identificar, mensurar e informar sobre as riquezas que formam o patrimônio, papel que se desenvolve pela ação do contador.

Sintetizando, o que de mais importante Goffman (2001) nos traz diz respeito a requerer, muitas vezes, atributos diferentes dos que estão

sendo dramatizados no processo de comunicação, e exemplifica a partir de Hilton (1953, p. 399-404):

Assim, para mobiliar uma casa de modo tal que exprima dignidade simples e tranqüila, o dono da casa pode ter de correr a leilões, regatear com antiquários e teimosamente esmiuçar todas as lojas locais para encontrar o papel de parede e o material para as cortinas adequadas. Para fazer uma palestra no rádio que pareça genuinamente natural, espontânea e tranqüila, o locutor pode ter de planejar o seu texto com esmerado cuidado, ensaiando frase por frase, a fim de imitar o conteúdo, a linguagem, o ritmo e a fluência do falar cotidiano.

Contudo, segundo Sartre (apud Goffman, 2001, p.39), “o aluno atento que deseja ser atento, olhos fixos no professor, ouvidos bem abertos, consome-se tanto em representar o papel de atento que termina por não ouvir mais nada”, e “assim os indivíduos se encontram muitas vezes em face do dilema expressão versus ação.

A solução desse dilema, segundo o próprio Goffman, em algumas organizações é entregue a especialistas, que gastarão o tempo expressando o significado da tarefa e não perderão tempo em desempenhá-la efetivamente. Exemplificando, tem-se nesse processo a contratação de profissionais de O&M (Organizações e Métodos), Marketing, TQC (Total Quality Control), entre tantos outros.

Dessa forma, ter-se-ia, na organização, o papel de “dramaturgo”, centrado em ações que especificamente lhe são pertinentes, minimizando, talvez, o risco de, inconscientemente, alimentar a rede das representações sociais, cujas práticas se associam às culturais, mas que reúnem tanto o peso da história e da tradição como a flexibilidade da realidade contemporânea.

Com seus estudos, Goffman (2001, p. 39) preconiza que, se for alterado o ponto de referência por um momento e voltar-se de uma determinada representação para os indivíduos que a apresentam, pode-se considerar um fato interessante a sucessão das diferentes práticas para cuja execução qualquer grupo ou classe de indivíduos contribui.

Como sugerido por Hiroshi (1998, p. 47-58), independentemente

do imaginário que se observa sobre o contador e a Contabilidade, haveria necessidade de um posicionamento da “marca” Contabilidade. Por extensão, também se posicionaria a “marca” contador, elemento potencializador no aparato das representações.

Finalmente, as investigações sobre o imaginário coletivo, que contribuem para a construção e fixação das representações sociais sobre o contador e a Contabilidade, nos direcionam a uma inquietação e, à luz do pensamento de Marion (1998, p. 4), nos fazem perceber não se tratar de processo isolado:

Talvez se chamasse este texto de profissão do futuro, um leitor que não é da área contábil poderia discordar dele e até não lê-lo. Ele poderia indagar por que, se essa profissão é uma das mais antigas que existem; poderia dizer que o estereótipo da imagem desse profissional em nossa sociedade não é o melhor possível (aparentemente não muito criativo, talvez um pouco tímido e, em alguns casos extremos, até com suspeita de ausência de idoneidade profissional). A despeito de qualquer juízo já concebido, rogaria ao leitor que lesse este artigo até o fim e fizesse um novo juízo, não olhando basicamente o momento que vivemos, mas projetando uma nova realidade que é emergente, inquestionável e irreversível.

Nesse “apelo”, deve-se ressaltar a emergência do imaginário coletivo que se expressa através de uma dissociação entre a “(...) realidade que é emergente, inquestionável e irreversível” e o contador e a Contabilidade.

Em artigo que ostenta como título “Preparando-se para a Profissão do Futuro”, Marion (1998, p. 4-8), como visto na citação acima, se previne para uma possível desistência do leitor, quando identificar tratar-se de um texto sobre a Contabilidade enquanto profissão e seu agente, o contador.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CONTABILIDADE E UM POUCO MAIS DE SUA HISTÓRIA

Pelas representações sociais são veiculadas as imagens relacionadas aos objetos e que por eles se tornam conhecidas. Paula (1998, p.6) afirma que num modelo capitalista, aqueles que se consagram à difusão de conhecimentos (não somente intelectuais, mas também ‘especialistas’ em mídia e marketing político, por exemplo) marcam as representações sociais com uma certa autonomia.

Como difusores de conhecimento, a Contabilidade e os contadores, revestidos de intelectualidade, de forma autônoma marcam as representações sociais no preparo das informações sobre as riquezas traduzidas pelo patrimônio das organizações, sejam elas coletivas ou particulares.

Nesse mesmo sentido, Gatti (2002, p. 40-41) argumenta que somos um país com 170 milhões de habitantes, com aproximadamente 60.000 empresas contábeis disputando o mercado, o que reforça e torna imprescindível a divulgação e a expansão da imagem e da marca. “A marca será a forma mais legítima de comunicação, tanto das empresas como do profissional com seus clientes” (GATTI, 2002, p. 41).

Para Goffman (2001, p. 39), um profissional pode sujeitar-se a desempenhar um papel modesto e de pouca relevância em sua rua, em seu negócio, ou até mesmo em sua casa, mas na esfera social em que se contextualiza o exercício de sua competência profissional, se preocupará muito em dar demonstração de eficiência, o que de alguma forma o compensa.

Individualmente, qualquer profissional, inclusive o da área contábil, pode se considerar ou se ver com menos importância, mas no coletivo se verá integrado a uma proposta contrária. No coletivo, coloca-se em silêncio, com uma atitude moderada e caracteristicamente cordata; e, nessa situação, o fardo pode lhe parecer mais leve do que se tratado na sua particularidade ou individualidade. No conjunto, a responsabilidade sobre a representação desse papel é diluída, não lhe sendo cobrada em sua totalidade, o que, de certa forma, o mantém junto às bases sociopsicológicas, num sistema social.

No que diz respeito à Contabilidade, comentam Scarpin et al.

(2000, p. 36):

Apesar da Ciência Contábil fornecer um manancial de informações detalhadas e precisas aos gestores de empresas, estes não foram ainda devidamente cientificados do alcance dessas e de sua importância para o planejamento e controle de suas atividades. Este fato tem inibido o crescimento, o desenvolvimento e o reconhecimento de muitos contabilistas e suas empresas de contabilidade.

Embora de maneira histórica o profissional da Contabilidade tenha tido sua profissão construída em íntimo contato com o mercado, de alguma forma seu papel de “mercador” foi deixado de lado. Ele, que trabalha com o mercado, esqueceu-se de que também é parte ativa dele.

Somente no Estados Unidos, o setor de serviços profissionais de Contabilidade, nas últimas décadas, ocupa um espaço significativo na economia. As firmas denominadas “big five” (as cinco maiores), antes “big six” (as seis maiores), e hoje “big four” (as quatro maiores) empresas que prestam serviços de auditoria e de consultoria, juntas movimentaram em 2001, US\$ 65,6 bi, conforme dados da agência Reuters, publicados pelo Washington Post em 06 de dezembro de 2001.

Tabela 1: Receitas e Empregados das Big Five firmas de serviços profissionais de Auditoria e Consultoria – 2001

Companhias	Receitas (\$bi)	Empregados
PWC	22,3	150.000
Deloitte Touche Thomatsu	12,4	95.000
KPMG	11,7	100.000
Ernest & Youg	9,9	84.000
Andersen	9,3	85.000

Fonte: Reuters (Washington Post).

No Brasil, em 2002, havia 64.319 organizações contábeis, com uma concentração de 16.634 empresas somente no Estado de São Paulo.

O contador, por receio, talvez, de uma exacerbada e até mesmo equívoca interpretação da Resolução 803/96, viu-se relegado a estereótipos, observações e representações de pensamentos relacionados com o sentimento de menos-valia.

Por outro lado, Gordon Gold (apud Scarpin, 2000, p. 37) aponta a metodologia contábil como uma das maiores invenções dos últimos 2.000 anos, ao afirmar que: “Se o dinheiro é o sangue e os mercadores o sistema circulatório da economia global, os livros de contabilidade são as células nervosas que controlam e respondem a mudanças no fluxo do dinheiro”.

Conseqüentemente, aos contadores é atribuída a responsabilidade pelo corpo que abriga esse sistema, sem os quais não sobreviveria, sem diagnósticos, receitas e recomendações, como ocorre com os médicos, que cuidam da saúde de seus pacientes e, para sobreviver, se valem de diagnósticos, receitas e recomendações.

No entanto, não obstante o avanço das relações comerciais, em tecnologias e propósitos, a Contabilidade permanece essencial para as questões não somente de produção, repartição e consumo das riquezas, mas também como suporte à economia política, por meio do poder emanado da identificação, mensuração e informação das riquezas, razão de ser dos negócios, aos quais a Contabilidade serve.

Dos negócios emerge a economia, conjunto das atividades da coletividade humana no que diz respeito à produção e ao consumo das riquezas, cuja linguagem, como registrado por Hendriksen e Breda (1999, p. 29), utiliza a Contabilidade.

Apoiada numa noção de linguagem, é a Contabilidade, para muitos, a linguagem dos negócios, com o que compartilham Ijiri (1975, p. 14), Anthony et al. (1975, p. 12-13), entre tantos outros. Para Hillman (2001, p. 15),

os negócios proporcionam as idéias que moldam nossa vida – seus sucessos, seus valores, suas ambições. O drama dos negócios, com suas lutas, desafios, vitórias e derrotas, forma o mito fundamental da nossa civilização, a história que explica a motivação implícita nos rituais do nosso comportamento.

Continuando esse raciocínio, o autor argumenta que, entre todas

as idéias relativas aos negócios, o destaque cabe ao poder, seja ele travestido de autoridade, controle, prestígio, influência, fama ou de qualquer outra forma, numa espécie de religião, o que não exime a Contabilidade de envolvimento nesse universo, isto é, nas idéias que seu poder sustenta.

Somente em nível de conceito, Iudícibus (2000, p. 80) analisa a Contabilidade sob três ângulos: primeiro, “sob o ponto de vista do acompanhamento das variações quantitativas e qualitativas do patrimônio”; segundo, “sob o ponto de vista do usuário da informação contábil”, e ainda “sob o ponto de vista econômico”, fazendo residir, aí, as informações que irão gerir a economia.

Sob ângulos distintos, a Contabilidade se completa justificando abordagens macroeconômicas, como enfatizado pelo próprio Iudícibus, o que indubitavelmente ressalta sua importância, seu poder.

Ao citar Einstein, “tudo deve ser o mais simples possível, mas não simplório”, defende Hillman (2001, p. 22) também que “uma idéia simples de poder, qualquer idéia que o defina de modo simples, nos induz à passividade e, desse modo, acaba por enfraquecer o poder”.

Em que pese seu poder, a Contabilidade, como o contador, desfruta do legado de Luca Pacioli, em sua *Summa de arithmetica, geometrica, proportioni et proportionalitá*, que obteve nesse trabalho seu mais clássico exemplo de que o poder ou as idéias devem ser simples, mas nunca simplórios.

Nesse entendimento, Hillman (2001, p. 22) atribui à mente o exercício do movimento sutil com o enriquecimento de elementos, o que evita uma visão unilateral, devido à estreiteza do enfoque, que acaba por bloquear o acesso ao poder e à sua fruição.

A Contabilidade, nos moldes em que é conhecida, ostenta como marco inicial o mecanismo das partidas dobradas, que simplificou e ampliou sua atuação. No entanto, a simplificação desse mecanismo, dissociado da complexidade da leitura e análise de seus resultados, implica um risco que hoje paira sobre uma visão de “departamento” no Sistema Organizacional, isto é, o Sistema Formal.

Reportado ao Sistema Empresa, o Sistema Organizacional – layout das organizações em seu aspecto formal – diz respeito ao suprimento de todos os recursos necessários ao objetivo das organizações, por meio

de seus departamentos ou departamentalizações, dos quais a Contabilidade faz parte.

Entretanto, não é raro falar-se do aspecto conceitual de “departamento” como sinônimo de Contabilidade, o que justifica a preocupação com essa simplificação, visto que objeto e o objetivo da Contabilidade são de natureza e de características distintas.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CONTADOR E DA CONTABILIDADE

A partir de reflexões sobre o posicionamento do contador e da Contabilidade e as necessidades de uma sociedade mundializada, e do conceito de Representações Sociais, são identificados os elementos de conduta que confirmam sua existência, representações essas que contribuem para a construção do imaginário coletivo sobre o contador e a Contabilidade.

Nesse sentido, na dissertação de mestrado (2003, p. 102-111) da autora deste artigo, através da pesquisa implementada para elucidação do objeto do trabalho, foram coletadas algumas dessas representações:

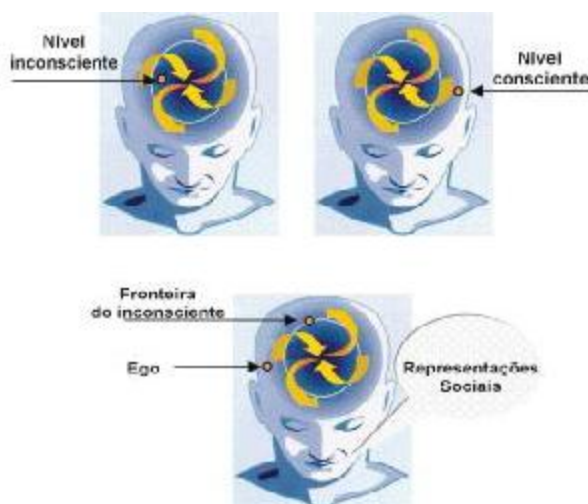


Figura 1- Caracterização da formação das representações sociais
Fonte: Dias (2003, p. 39).

“Preenchedores de formulários”

Em vista da grande burocracia a que está sujeita a Contabilidade, no atendimento às obrigações compulsórias essenciais ou acessórias, ligadas principalmente ao fisco, muitas vezes esse é o único argumento para a contratação dos serviços de uma Contabilidade ou de um contador. Por isso o contador recebe a alcunha de especialista em tributos.

“Como você sabe, é somente um dado contábil”.

Isso é dito em alusão ao distanciamento de uma Contabilidade pautada por princípios e normas diversas, de uma Contabilidade em que o patrimônio se traduz pela realidade dos fatos. Privada de um exercício crítico, a contabilidade, sob a hipótese de que os princípios somente permanecem por terem sido tacitamente aceitos, e por serem as normas compulsórias, privilegia uma dissociação entre a realidade das variações patrimoniais e o fazer contábil.

Resultado, talvez, de uma formação a que são submetidos, seus profissionais, seja academicamente, por intermédio de órgãos de classe, ou mesmo e principalmente pelo setor fiscal, como observado por Hendriksen e Breda (1999, p. 74), “Princípios de Contabilidade pode ser um primeiro curso, mas dificilmente pode ser um curso tratando das verdades fundamentais da Contabilidade”.

“Quando não tinha Contabilidade tudo era mais fácil”.

Essa fala é uma provável referência à “interferência” da Contabilidade na gerência dos negócios. Visto que a Contabilidade é o espelho das ações perpetradas sobre o patrimônio em questão, a interferência contábil assume um caráter avaliativo ou perturbador pela implementação dessas ações. Por outro lado, sob uma gestão séria e/ou que interage com patrimônios que envolvem negociações de vulto, a atuação da Contabilidade se torna imprescindível, e com destaque são ressaltadas suas especializações e sua compreensão por seus usuários, como linguagem efetiva que é dos negócios.

Como exemplo desse posicionamento, os negócios – sejam eles

estratégicos, essenciais, de conveniência ou não - estão em seus números, movimentados ou gerados. Cabe a leitura desses números à Contabilidade, leitura cujo objetivo é essencialmente informar.

A discussão sobre a ALCA precisa incluir a harmonização de critérios contábeis para que empresas possam realmente operar na região inteira... Muitas empresas no Brasil já adotam o padrão contábil europeu o IASC. Mas a mais importante bolsa de ações do mundo está em Nova York, podendo ser mais útil adotar o sistema americano, os US GAAP. Este, entretanto, é tão detalhista que 'oculta a visão global da atuação da empresa' (Amcham26, Comitê de Finanças, São Paulo, maio 2002).

A peça "Alfredo Virou a Mão", narra a história de um empresário que não agüenta mais a pressão de seu sócio e o mau humor do contador da firma. Estressado, procura um médico, que lhe passa uma receita inusitada, cabendo aqui a representação do profissional contador como portador de característica pouco agradável: mau humor, mas que sugere uma aceitabilidade pelo público, uma vez que integra o folder da propaganda da peça.

Vê-se nessas expressões uma percepção distorcida, em sua essência, da atuação do contador e da dimensão da Contabilidade.

Do contador conhece-se a participação, e ele é chamado ao processo de identificação, mensuração e informação das riquezas. Sabe-se, também, que os contadores, em analogia, "não são donos de operar seus posicionamentos, pois, pelo contrário, este posicionamento é que estabelece suas identidades" (LANE, 1985, p. 37); paralelamente, não é pouco comum que seus estereótipos se apresentem sob forma de representações sociais, como é alardeado por profissionais como head-hunters, que, em entrevistas veiculadas por revistas de repercussão, rotulam, por exemplo, profissionais e a própria Contabilidade.

O que os recrutadores pensam ao bater os olhos nos sapatos do candidato durante uma entrevista de trabalho? Nesse exemplo, tem-se pés calçados por sapatos pretos, verniz quebrado, bico quadrado e fivelas; o que sugere ao leitor um perfil desleixado, um tanto quanto démodé. E assim, Diz (2001, p. 120-121) se pronuncia:

Esse rapaz (ou seria um senhor?) me parece pouco imaginativo, conservador e um tanto piegas, porém fiel e trabalhador. Eu diria que o lugar dele é no Departamento de Contabilidade.

Ora, se um *headhunter*, identificador de competências traduzidas em talentos, experiência, educação, autodesenvolvimento, tem por parâmetro perfis como o retratado, novamente se apresenta uma dissociação entre o profissional da Contabilidade (e a própria Contabilidade) e as expectativas dos empregadores, nesse caso, quando a contratação, sob esse perfil, atrairia para a empresa uma caricatura mal feita a ser disposta em meio a “quadros” numa galeria de arte.

“(...) de acordo com um regulamento conhecido como Princípios de Contabilidade Geralmente Aceitos”.

Este foi o argumento apresentado de forma pormenorizada, pelo jornalista, à justificativa da obrigatoriedade da empresa IBM (International Business Machines) de reclassificar os lucros trimestrais prévios divulgados das divisões que estão operando e das divisões que se encontram desativadas. No caso, a divisão desativada de discos rígidos havia pago um imposto de US\$ 515 milhões, o que a levou à situação de prejuízo, resultado dos últimos cinco trimestres.

Contudo, ainda assim, tem-se na Contabilidade o lastro sugerido por seus usuários. Foi no passado, assim é no presente e o que se ratifica é que o cenário não mudará; a Contabilidade permanecerá no processo de tomada de decisões, visto ter em sua bagagem um instrumental preciso, resguardado o “problema” da subjetividade, inerente às Ciências Sociais, e de sua quase sempre subutilização.

Por outro lado, de forma antagônica, o que se viu estabelecer, por meio das representações sociais, sobre o contador e a Contabilidade, passa por um estereótipo, contrapondo a essencialidade de seu trabalho a “um sentimento de que, possivelmente, os usuários ou ‘pacientes’ das práticas contábeis atuais estariam entre os mais descontentes” – e por conflitos éticos a permear suas relações.

Também no sentido antagônico, na dissertação (2003) anteriormente mencionada, foram identificadas outras representações, por exemplo, no que diz respeito à dimensão Contador, Contabilidade e Prestígio, o que veio corroborar esse sentimento:

- . Contabilidade: burocracia, mal necessário, solução;
- . contador: vilão, bombeiro, misterioso, tábua de salvação;
- . prestígio: contaminado, para menos, individual.

O IMAGINÁRIO COLETIVO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: A BUSCA DE UMA JUSTIFICATIVA

Como possível hipótese ao imaginário veiculado na sociedade sobre o contador e a Contabilidade, o trabalho de divulgação e sensibilização sobre esse imaginário tem tratado a questão das mudanças no cenário econômico e social como uma das principais responsáveis.

Nesse cenário, seriam requeridos conhecimentos multidisciplinares, criatividade, propensão a interagibilidade, procedimentos éticos como nunca exigidos ou esperados, enfim, uma incrível versatilidade à qual se vê o contador submetido para resguardar seu papel.

A partir da proposta do currículo ideal para o “contador global”, apontada durante o encontro internacional de contadores, em Genebra (1999), sua formação estaria distribuída em três grandes grupos:

- a - conhecimento das organizações e dos negócios: economia, métodos quantitativos e estatísticos para negócios; organização comportamental; operações administrativas, marketing e negócios internacionais;
- b - Informática: conceitos de IT, para sistemas de negócios; controle interno baseado na computação; administração de IT; implementação e uso; e avaliação do trabalho com computação;
- c - conhecimento contábil e relacionamento com a matéria: contabilidade financeira e publicação; administração contábil; taxaço; lei comercial; auditoria interna e externa; administração financeira e finanças; e ética profissional(MOREIRA, 1999, p.C-8).

Para Iudícibus (2001, p.4), entre outras colocações, as aptidões requeridas de um “contador estratégico”, ou seja, de um profissional em sintonia com o tempo em que vive, compreendem:

ao mesmo tempo em que o controller dos anos 90 precisa investir verticalmente, isto é, conhecer as técnicas associadas aos programas de filosofia de qualidade total, com todos os desdobramentos que isto implica, como a necessidade de montar um painel de indicadores não apenas financeiros, mas também de produtividade, deve ser capaz de horizontalizar e ampliar seu conhecimento, para incluir o ambiente externo em que a empresa opera, o chamado “ecossistema” empresarial. (...) Mais importante, por enquanto, do que pretender chegar a uma contabilidade estratégica em termos sistêmicos é verificar e investir nas aptidões, conhecimentos, atitudes e ações.

Vê-se, assim, ressaltar o que se vislumbra por “ações”, em resposta também às necessidades dos usuários, seja a nível internacional ou nacional. São os usuários e são os agentes da Contabilidade “reagindo” ao processo de demanda, à busca de uma justificativa, embora ainda de forma incipiente, não obstante o aspecto premente do movimento de reflexão, estudos e trabalho no universo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais são saberes construídos pela sociedade em relação a um objeto social, que ela também ajuda a formar, uma versão contemporânea do senso comum.

Imagens construídas: o contador é “um ser misterioso”, “não agrega valor”, mas tem uma moral incrível com o dono, o acionista”. “Burocrático”, “muda de nome, passa a ser um controller”, “se embasa teoricamente”. Vinculado a um “processo extremamente simples”, é visto como revestido de idoneidade”. Entretanto, diz ser o contador “aquele que sabe o custo de tudo e o valor de nada”, “é a pessoa a quem se pode pedir um ‘jeitinho’”. [parte do resultado de pesquisa em DIAS, Guadalupe, 2003].

Uma das maiores emissoras de TV do país, em recente reportagem sobre profissionais que abraçaram mais de uma profissão, entrevistou médicos que eram músicos, feirantes que eram atores, garis, atletas, e dentre outros, um contador que era marceneiro. Para esse último, a ênfase recaía no aspecto financeiro, pois, além de livrá-lo do estresse, completava-lhe o “orçamento doméstico”. Na mesma linha ou posição de ascensão social, é apresentado, por essa mesma emissora, em seu horário nobre, um personagem “contador”. Seu escritório é um “quartinho no apartamento” em que mora e sua maior preocupação são as próprias finanças. Ao se aproximar a data da entrega da declaração do Imposto de Renda, se vê “salvo”, pois é um “extra” no orçamento e, nesse sentido, comemora com a família.

Dentre muitas outras representações, é percebido um desconforto, não só para o profissional da Contabilidade que, muitas das vezes talvez se sinta constrangido por ser assim apresentado, valendo-se de outros títulos ou prerrogativas, como também para o usuário, que vive um dilema ao utilizar os serviços de um profissional que não consegue definir com propriedade. Busca-se por um contador e diz-se que “ele precisa ser mais que um contador”.

No senso comum, não é sabido o que seja Contabilidade ou contador, a razão de seus constructos. Cabe aos contadores realizar as imagens que se quer da Contabilidade e por extensão a sua imagem, nesse processo de disseminação do que seja a Contabilidade e o contador. Lembrando Maroni (1998, p.115), “só o indivíduo é capaz de criar novos valores para a sociedade, e só com a criação desses novos valores, o indivíduo será de novo aceito pela sociedade”, com a imagem que quer ter.

Artigo recebido em Setembro de 2005 e aprovado para publicação em Outubro de 2005.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Goreth Miranda. O papel da contabilidade. *Boletim do Ibracon*. Publicação do Instituto Brasileiro de Contadores –

Guadalupe Machado Dias e Gilberto de Andrade Martins

IBRACON. Ano XVIII, nº 211, dez. 1995.

ANTHONY, Robert Newton et al. *Accounting: text and cases*. Chicago: Irwin, 1975.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. *Psicologia aplicada à administração de empresas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1979.

CARVALHO, L. Nelson Guedes. Por que devemos ousar em contabilidade. Boletim do Ibracon. *Publicação do Instituto Brasileiro de Contadores*. Ano XXIII, nº 276, mai. 2001.

DIAS, Guadalupe Machado. Representações sociais que contribuem para a construção do imaginário coletivo sobre o contador e a contabilidade: um estudo empírico. 2003. *Dissertação de Mestrado – FEA, USP, São Paulo*.

_____. Representações sociais e imaginário coletivo na contabilidade: um estudo empírico. *Belo Horizonte, C/Arte*, 2003.

DIZ, Carlos A. Os pés primeiro. O que os recrutadores pensam ao bater os olhos em seus sapatos durante uma entrevista de trabalho? Eis a sua chance de ouvi-los. *Revista Exame Você S.A.*, Ed. nº 32, Ano 4, fev. 2001.

GATTI, Ivan Carlos. O contador, a imagem e a marca. *Revista Mineira de Contabilidade*. Ano III, nº 6. *Conselho Regional de Contabilidade de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 9. ed. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2001. 233 p. Título original: *The presentation of self in everyday life*.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDÁ, Michael F. Van. *Teoria da contabilidade*. Trad. 5. ed. Antônio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 1999. 549 p. Título original: *Accounting Theory*.

HILLMAN, James. Tipos de poder. *Um guia para o uso inteligente do poder nos negócios*. Trad. Sônia Regis. São Paulo: Cultura, 2001. 237 p. Título original: *Kinds of power – A guide to its intelligent uses*.

HILTON, John. *Calculated spontaneity*. *Oxford book of English talk*.

Oxford: Clarendon Press, 1953.

HIROSHI, Silvio. Um plano de marketing para a contabilidade. *Caderno de Estudos Fipecafi*, V.10, nº 17, jan.-abr. 1998, São Paulo.

IJIRI, Yuri. *Theory of accouting measurement*. Florida: AAA (American Accounting Association) nº 10, 1975.

IUDÍCIBUS, Sérgio. *Teoria da contabilidade*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. É a contabilidade “estratégica” ou é o contador que deve assumir uma postura estratégica? *Boletim da IOB*. A Thomson Company. Ano XXXV – 3. Semana, nº 29, São Paulo, jul. 2001.

JUNG, Carl Gustav. Fundamentos de psicologia analítica. Trad. Araceli Elman. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. *Obras completas de C. G. Jung. V. XVIII/1*. Título original em alemão: *Das Symbolische Leben* (G. W. 18) *Über Grundlagen der analytischen Psychologie*.

_____. O homem e seus símbolos. 19. ed. *Edição Especial Brasileira*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 316 p. Título original: *The man and his symbols*.

LANE, Silvia. *Psicologia social*. O homem em movimento. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARION, José Carlos. *O contabilista, a ética e a bíblia*. Artigo, 1986.

_____. Preparando-se para a profissão do futuro. *Revista Pensar Contábil*. Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro. Ano I, nº 2, nov. 1998.

MARONI, *Amnérís*. *Jung: o poeta da alma*. São Paulo: Summus, 1998.

MARTINS, Eliseu. Uma geral na contabilidade. *Boletim do Contador. Publicação do Instituto Brasileiro de Contadores – Ibracon*. Ano XII, nº 136. São Paulo: set. 1989.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 2000.

MENEGAZZO, Carlos Maria; TOMASINI, Miguel Angel; ZURETTI,

Guadalupe Machado Dias e Gilberto de Andrade Martins

María Mónica. *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. São Paulo: Ágora, 1992.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. Trad. Cecília Whitaker Bergamini, Roberto Coda. São Paulo: Atlas, 1996, 421 p. Título original: Image of organization.

MOSCOVICI, Serge. *On social representations*. In: FORBAS, J. P. (Eds.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981.

MOTA, Miriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 1998.

NAKAGAWA, Massayuki. O verdadeiro papel do contador no Brasil. *Revista Paulista de Contabilidade*, ago.1997.

NASCH, Laura L. *Ética nas empresas: guia prático para soluções de problemas éticos nas empresas*. São Paulo, Makrom Books, 2001.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. *O conceito de representação social*. Artigo, 'mimeo', 1998.

REVISTA MINEIRA DE CONTABILIDADE. 50 anos de profissão em Minas. N.º 2. Belo Horizonte: CRC/MG, 1º trimestre 2001.

_____. A função social do contabilista. N.º 3. *Belo Horizonte: CRC/MG*, 2º trimestre 2001.

ROBBINS, Stephen P. *Administração – mudanças e perspectivas*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Saraiva, 2000. 524 p. Título original: Managing today.

SÁ, Antônio Lopes de. *História geral e das doutrinas da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1997.

SACCHETTA, José (Coord.). *Dicionário de profissões*. São Paulo: Klick Editora, 1999.

SAMUELS, Andrew, et. al. *Dicionário crítico de análise junguiana*.

Trad. Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *A psique plural. Personalidade, moralidade e o pai.* Trad. Rosa Maria Neves da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 301 p. Título original: *The plural psyche (personality, morality and the father).*

SCARPIN, Maria Aparecida; SCARPIN, Jorge Eduardo; CALJURI, Mônica Sionara S. *Marketing: um instrumento para a valorização profissional.* Revista Brasileira de Contabilidade. Ed. especial. Trabalhos técnicos premiados no XVI CBC. Goiânia, GO. Ano XXIX, nº 126, nov.-dez. 2000.

SILVEIRA, Nise da. *Jung vida e obra.* 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Guadalupe Machado Dias

e-mail: guadalupedias@terra.com.br

Gilberto de Andrade Martins

e-mail: martins@usp.br